

Alterações nos relacionamentos sociais de indivíduos após assumirem a função de Agentes de Segurança Penitenciária

Changes on people social relationships after taking over the Agent of Security Prison function

José Márcio Francisco

Bacharel em Psicologia – FAI

Rua Santo Salesse, nº 152 - Valdivino S. Pacheco – Valparaíso/SP – CEP 16.880-000

Telefone: (18) 3401-3742 – marciopsic@hotmail.com

Eneida Silveira Santiago

Professora Mestre – FAI

FAI – Faculdades Adamantinenses Integradas

Rua Nove de Julho, 730 – Adamantina/SP – CEP 17.800-000

Resumo

O indivíduo que ingressa na função de Agente de Segurança Penitenciária (ASP) se vê diante de um contexto em que deverá construir hábitos e valores em sintonia com o sistema prisional. Então, precisa se adaptar, adquirir novos hábitos e construir formas de enfrentamento para lidar com essa nova realidade, sendo que, esses novos hábitos, podem ser conflitantes com os já adquiridos. Os agentes entrevistados trabalharam no mínimo um ano em postos que implicam em contato direto e constante com o sentenciado. O referencial teórico utilizado é baseado no princípio de que o desenvolvimento do homem é um empreendimento social e que o trabalho pode ser uma fonte de prazer ou de sofrimento, dependendo do conteúdo significativo para o trabalhador. Fica evidenciado que estes profissionais desenvolvem características paranóides, apresentando comportamento persecutório e tem afetado de forma negativa a convivência social fora do ambiente profissional.

Palavras-chave: Social. Sofrimento. Defesa.

Abstract

The individual that enters the function of Agent of Security Prison (ASP) faces itself ahead of a context where it will have to construct habits and values in tune with prisional system. Then, it needs to adapt, to acquire new habits and to construct confrontation forms to deal with this new reality, where, these new habits, may conflict with those already acquired. The interviewed agents had at least worked one year in ranks that imply in

direct and constant contact with the sentenced one. The used theoretical referencial is based on the beginning of that man's development is a social enterprise and that work can be a suffering or pleasure source, depending on the significant content for the worker. It is evidenced that these professionals develop paranooids characteristics, presenting persecutory behavior and it has affected in a negative form the social companionship out of the professional environment.

Keywords: Social. Suffering. Defense.

Introdução

O homem ao nascer não vem com um repertório pronto de hábitos e valores, tem um corpo que lhe dá possibilidades de desenvolver ou não, determinadas capacidades dentro do contexto social em que está inserido. Um índio que nunca teve contato com a civilização ocidental, não iria compreender um objeto grande, cinza e que voa, como um avião, também não iria compreender a dinâmica de uma sociedade baseada no contrato social, que segundo Rousseau (2005) é a renúncia do indivíduo à liberdade natural e à posse natural de bens, riquezas e armas, concordando em transferir a um terceiro – o Estado – o poder para criar e aplicar as leis, ou ainda, o Deus cristão e os valores decorrentes de como ele são cultuado. Aliás, Voltaire (2005), diz que o catolicismo, principal religião cristã é intolerante e que tem um vasto histórico de violência, o que a tornaria contraditória, pois, como sustentar por meio de violência a religião de um Deus que morreu na cruz pelas mãos de algozes e que pregou senão a amabilidade e a paciência? Então, pode-se dizer

que o homem produz a si mesmo.

As sociedades são formadas por pessoas que tem valores, hábitos e crenças em comum, sendo que esses são repassados para os novos membros, afim de reafirmá-los, e a forma pela qual isso é feito, é a linguagem. Segundo Rego (2002), a linguagem seria um sistema de signos compartilhados por pessoas que tenham o mesmo sistema de representação da realidade, possibilitando o intercâmbio social entre eles, sendo que cada palavra indica um significado específico.

Para Berger & Luckmann (2005), na vida cotidiana participa-se conjuntamente com outras pessoas de um mundo intersubjetivo, em constante interação e comunicação, ou seja, não é possível compreender o indivíduo fora do contexto social em que foi formado. E, para se tornar membro da sociedade é necessário que o indivíduo compreenda seus semelhantes e que apreenda o mundo como realidade social dotada de sentido, sendo que esta apreensão começa quando a pessoa assume o mundo na qual os outros já vivem.

Dejours (2006) afirma que o sentido do sofrimento no trabalho depende do reconhecimento, ou seja, quando a qualidade do trabalho é reconhecida, todo esforço, angústia e dúvida do indivíduo adquirem sentido, ou seja, o reconhecimento é decisivo na dinâmica da mobilização subjetiva da inteligência e da personalidade no trabalho. Para Dejours (2005), uma organização de trabalho rígida e imutável, seria uma fonte de sofrimento, pois, com isso é reduzido o conteúdo significativo do trabalho, bem como as possibilidades de mudá-lo, aumentando o sofrimento.

Dentro das prisões, o convívio entre pessoas presas gera a construção de uma nova realidade social, tendo em vista que todos perderam a liberdade, sendo privados da antiga vivência cotidiana, e ainda mais, foram submetidos a horários e regras pré-determinados pelo Estado. Então, o indivíduo que ingressa na função de Agente de Segurança Penitenciária (ASP) se vê diante de um contexto em que deverá construir hábitos e valores em sintonia com o sistema prisional do qual agora faz parte. Ou seja, ele precisa se adaptar, adquirir novos hábitos e construir formas de enfrentamento para lidar com essa nova realidade.

Então, este trabalho tem por objetivo verificar como os Agentes de Segurança Penitenciária (ASPs) lidam com construções sociais tão diversas das suas, em hábitos,

costumes e valores, implicados pela vivência profissional quando estão no convívio com sua família e demais ambientes sociais extra-profissionais. Também se propõe a verificar de que maneira a vida, fora do trabalho, do Agente de Segurança Penitenciária é afetada ou não por sua rotina profissional. E, caso seja afetada, em que aspectos? E qual sistema/estratégia são utilizados para tornar isso suportável?

Metodologia

Os sujeitos da pesquisa foram quatro Agentes de Segurança Penitenciária (ASPs), que trabalham como plantonistas do período diurno, com carga horária de 12 horas de trabalho por 36 horas de descanso.

Os ASPs entrevistados trabalham ou trabalharam por pelo menos um ano em contato direto com os sentenciados, tendo em vista que dentro das penitenciária alguns ASPs trabalham em postos que não implicam em contato com o reeducando, ainda há os que são desviados de função, trabalhando em setores administrativos, o que reduz extremamente o contato direto.

O instrumento de coletas de dados foi a entrevista semi-dirigida, aplicada em horário de folga do ASP, em lugares escolhidos por estes, lugares estes que possibilitaram condições adequadas para aplicação, havendo uma explicação prévia a respeito do objetivo da entrevista.

Foi escolhida a entrevista semidirigida porque além de dados quantitativos, permite-se que se apresentem dados qualitativos, o que possibilitou atingir o objetivo do trabalho.

Resultados e discussões

As entrevistas transcorreram de forma tranquila, com poucas interrupções, exceto na segunda, onde no decorrer da entrevista chegaram à residência de Antonio, sua esposa e filha. Então, ele propôs ir até um bar próximo a sua casa, pois ali teria mais privacidade do que em sua residência. O que chama a atenção nesta situação da entrevista com Antonio é o fato que dentre outras possibilidades para dar continuidade à entrevista, a saída escolhida foi ir até o bar, e mais, pediu uma cerveja, olhou e disse: "...não se preocupa não que uma cervejinha só, não vai atrapalhar as respostas não!!!...".

Dentre os entrevistados três disseram que costumam beber frequentemente, apesar de não associarem esse hábito ao trabalho. Almeida e Antonio dizem que trabalhando no sistema prisional passaram a ter mais tempo e dinheiro e por isso bebem mais que antes. Já André, diz que apenas manteve seu estilo de vida. Dentre os sujeitos da pesquisa apenas um, César, disse que bebe pouco, mas, acrescentou que vê muitos colegas bebendo, fumando e até usando drogas para esquecer a ‘pressão da cadeia’.

Para reafirmar as palavras de César, passados alguns dias após a realização da primeira entrevista, com Almeida, o mesmo pediu para conversar, então ele disse que achava que beber, fumar e fazer musculação, atividades por ele praticadas, eram formas de esquecer o serviço. Contou também que durante uma rebelião os sentenciados gritavam seu nome e o ameaçavam de morte, chegando a simular, em bonecos de pano, que o furavam com espetos de ferro. A bebida e a musculação parecem mesmo ter a função de ‘fuga para a pressão da cadeia’, aliás, uma fuga viril.

Apesar de os sujeitos da pesquisa trabalharem em penitenciárias, o termo usado, tanto por sentenciados, quanto por agentes, para se referirem à unidade prisional é ‘cadeia’, aliás, durante entrevista com Antonio, ao falar sobre os postos trabalhados enfatizou em sua fala que sempre trabalhou no ‘fundão da cadeia’, o que sugere uma divisão entre os agentes. Fica evidenciada a presença de dois grupos principais, o grupo do ‘fundão da cadeia’ que seriam os funcionários que trabalham em maior contato com o sentenciado, e o grupo dos agentes que têm menor contato com sentenciado, sendo em geral aqueles que trabalham em setores administrativos, o que levaria ao estabelecimento de uma relação diferenciada com o sentenciado se comparada com a relação do agente que esta no ‘fundão da cadeia’. Entretanto, esta relação diferenciada leva o grupo dos ASPs que tem menos contato com o sentenciado a não dividir da mesma maneira as defesas coletivas dos agentes do ‘fundão de cadeia’ ocasionando um certo atrito entre os grupos.

Dentre as perguntas inseridas no roteiro de entrevista encontram-se duas que abordam as percepções iniciais e atuais do entrevistado. Uma delas é sobre a imagem do sentenciado e a outra da imagem do ASP.

Ao comparar as respostas sobre a imagem que os entrevistados tinham sobre sentenciados e ASPs

quando entrou no sistema prisional e a imagem que têm atualmente, percebe-se uma inversão de polaridade em mão dupla. Almeida por exemplo quando começou a trabalhar, nove anos atrás, tinha a sensação de que penitenciária era um ‘depósito de gente’, mas agora acha que os sentenciados são articulados e organizados, ou seja, uma mudança drástica de perspectiva, quanto aos ASPs suas palavras são as seguintes: “Uma planta se fortalece, cresce, desabrocha e dá belas flores... isso eu imaginava... mas nesse lugar as flores são roxas, pretas, sei lá...”. Já André “... achava que era normal...”, mas, atualmente sua opinião sobre os ASPs é “...agora acho que são ‘chapados’...”. Na fala de Antonio também percebe-se uma drástica mudança: “...antes o guarda era respeitado, podia trabalhar tranquilo...”, quanto a atualidade ele resume: “...o guarda hoje é um coitado...”.

Fica nítido que enquanto a figura do sentenciado ganha positividade, afinal se articula e se organiza, a figura do ASPs recobre-se de negatividade. Esse fato pode estar associado à expansão da facção criminosa PCC – Primeiro Comando da Capital dentro do sistema prisional, pois, a partir de 1992, data da sua criação na hoje demolida Casa de Detenção, no complexo do Carandiru em São Paulo, o PCC tem arregimentado cada vez mais membros e simpatizantes, aumentando seu controle dentre a população carcerária num número cada vez maior de penitenciárias.

Para Foucault (2005) o método de ação das prisões dirigidos à recodificação existencial dos condenados, consiste na modulação da pena; no trabalho, como mecanismo de submissão ao poder e o isolamento, que causa uma ruptura das relações horizontais, substituídas por relações verticais de controle hierárquico. Portanto, conforme o PCC vai expandindo, os sentenciados vão se tornando mais organizados e articulados, também existe o fato da evolução da telefonia celular, que diminuiu em muito o tamanho dos aparelhos, facilitando a entrada ilegal de celulares nas penitenciárias. Combinados os fatores organização e comunicação criou-se de certa forma a possibilidade de uma quebra nas relações verticais, do estado para com o homem preso, pois, os sentenciados já não estão mais ‘tão’ isolados, afinal se comunicam constantemente com o ‘mundo extra-muralha’ e também, a partir do momento em que se organizam, adquirem um poder de barganha maior, ou seja, diminui sua submissão ao poder. Aliás, o PCC, em maio de 2006, vai além de diminuir sua submissão ao poder do Estado, eles se rebelam contra o governo. Portanto, o funcionário do

sistema prisional que tem construída historicamente uma relação vertical com o sentenciado vive um momento de reconstrução de sua identidade, onde por um lado, o Estado cobra que o funcionário mantenha a ordem e a disciplina que só uma relação vertical pode propiciar, e de outro lado, o funcionário percebe no seu cotidiano que suas relações com os sentenciados não são de fato verticais.

Após verificar essa mudança drástica de opinião sobre a auto-imagem do ASP, bem como da imagem do sentenciado, é possível compreender os risos de Almeida quando foi perguntado a respeito de segurança para desenvolver suas atividades profissionais. A sensação de segurança dentro da penitenciária para os ASPs diminui, ou seja, se faz necessário que as defesas coletivas sejam mais rígidas. Quando digo ‘sensação de segurança’ a unidade prisional onde trabalha Almeida mantém sua estrutura física desde a inauguração, ou seja, as condições físicas de trabalho continuam as mesmas, o que mudou foi a sensação de segurança.

Já no caso de Antônio, sua unidade passou por reformas estruturais que tiveram como efeito direto a diminuição do contato entre funcionários e sentenciados e mesmo assim o entrevistado pergunta se é brincadeira, quando interrogado se se sente seguro para desenvolver suas funções no trabalho, acrescenta ainda que segurança dentro da “cadeia” é piada, “...estamos nas mãos deles, quando quiserem ‘virar’ e ‘guentar’ um monte de guarda, viram...”. Quando interrogado se poderia haver mais segurança, o entrevistado diz que sim, “...é só o Estado querer...”, ele aponta modificações estruturais e funcionais que tem como resultado objetivo a diminuição do contato direto com o sentenciado, como a construção de uma passarela por sobre o pavilhão de onde através de um sistema de engrenagens o agente poderia efetuar a tranca e a soltura dos sentenciados para o banho de sol sem estar em contato direto, ou seja, sem estar exposto ao risco de tornar-se refém e mesmo sem ter de ouvir como diz Antônio: ‘perreco do ladrão’. (‘perreco’ significa algo próximo a reclamação contínua, enquanto que o termo ladrão é comumente usado por sentenciados e funcionários para se referir a qualquer reeducando; já os termos ‘virar’ e ‘guentar’, significam respectivamente, promover motim ou rebelião e fazer refém).

Percebe-se com as entrevistas que os funcionários se sentem ‘abandonados’ pelo Estado, André, por exemplo, declara que não se sente seguro para trabalhar, dizendo,

entretanto que “...é possível mais segurança, desde que o Estado se disponha a fazer acontecer...”, acrescenta ainda que acha muito difícil, pois o Estado nunca tinha demonstrado muito interesse pelas condições de trabalho da classe.

César critica e faz sugestões sobre o sistema prisional. Ele diz que “...enquanto os sentenciados fazem uso progressivo da tecnologia em seu favor, o sistema continua arcaico e alheio ao progresso...”. Neste momento ele mostra na internet uma série de artigos sobre a possibilidade de usar bloqueadores de celulares nas unidades prisionais, sendo que estes artigos mostram um funcionário da Administração Penitenciária justificando o não investimento em bloqueadores pelo motivo deles não bloquearem todos os tipos de sinais, e outro artigo tem um especialista em comunicação esclarecendo que existem bloqueadores com capacidade de bloquear os sinais de qualquer operadora dentro de uma área específica sem interferir na comunicação de áreas próximas e que a Secretaria de Administração Penitenciária teria apenas comprado um tipo de bloqueador que não tinha essa capacidade.

Segundo César, os sentenciados se comunicam através de celulares constantemente, enquanto que o Estado começou a investir num sistema de comunicação integrada, mas parou. O entrevistado diz ainda que só acabando com os celulares dentro das unidades é que se pode acabar com a organização criminosa PCC. Para César, “...o sistema precisa começar a agir com mais inteligência que os presos, pois hoje eles estão bem na nossa frente... é preciso usar a tecnologia a nosso favor...”

Não cabe ao presente trabalho opinar sobre o posicionamento político e estratégico do estado quanto à administração do sistema prisional, bem como do combate ao crime organizado, em especial à facção criminosa PCC (Primeiro Comando da capital) que nasceu, se fortaleceu e mantém sua base de atuação dentro das penitenciárias. Mas, se faz necessário registrar que essa percepção de abandono tem para os funcionários uma função dupla: o ASP não percebe que seu trabalho seja reconhecido/valorizado e ainda fica a impressão de que a situação não será alterada, que não haverá mudanças.

Então, de acordo com Dejours (2006), não podendo gozar os benefícios do reconhecimento de seu trabalho nem alcançar assim o sentido de sua relação para com o trabalho, o sujeito se vê reconduzido ao seu sofrimento e

somente a ele.

Acerca das vantagens e desvantagens de se trabalhar no sistema prisional, as respostas sobre as vantagens foram o salário e a estabilidade, sendo que apenas César citou dentre as vantagens, fazer o bem para a sociedade. Já sobre as desvantagens, todos citaram que a sociedade tem uma visão negativa da classe, César diz: "...não somos valorizados, a sociedade acha que somos aquilo que a mídia mostra, ou seja, corruptos que ganham bem pra não fazer nada... e ainda vem o secretario da segurança de São Paulo e diz na TV que agente não precisa de aumento, pois, só faz abrir e fechar porta o dia todo...". O entrevistado diz ainda que o agente acaba tendo que desempenhar várias funções, tais como: psicólogo, pois precisa ter controle construído pela via discursiva, controlando o emocional já que trabalha com pessoas confinadas; assistente social e advogado, já que o preso pede constantemente instruções sobre sua situação social e jurídica; enfermeiro/ farmacêutico, pois, é o agente que em muitas situações presta socorro e mesmo medica o sentenciado. Ou seja, o agente acaba exercendo atividades de várias profissões sem ao menos receber treinamento, e pior, no caso de dar medicamentos, incorre de ilegalidade, pois apenas aos médicos é permitido prescrever medicação. Mas, mesmo assim, os agentes têm uma imagem negativa perante a sociedade.

Almeida respondeu a pergunta se achava que o trabalho do ASP era reconhecido/valorizado, com uma sonora gargalhada. Entretanto, a gargalhada como resposta faz sentido quando se leva em conta que Almeida é solteiro e mora numa república com dois outros agentes, e sua resposta para a pergunta: "Por que o funcionário vai trabalhar sabendo que o 'clima da cadeia está pesado' (funcionários dizem que algumas vezes dá para perceber pelo 'clima mais pesado que o normal' que alguma coisa ruim está por acontecer na unidade) pondo sua vida em risco? foi: "...a cadeia é tocada na coragem do funcionário, que mesmo sabendo quando o clima tá ruim na cadeia, vai trabalhar arriscando a vida...", acrescenta: "...o camarada acorda, olha a patroa e ela pede pra ele ficar em casa, para não ir trabalhar pois ela está com medo, teve um sonho ruim a noite, mas ele se levanta, dá um beijo na companheira e vai..." Então, quando questionado por que alguém iria trabalhar nessas condições, respondeu: "...pelos companheiros..." Possivelmente, como não há percepção de reconhecimento externo, o ASP procura motivação no sentimento de pertença ao grupo através de comportamentos que ressaltam qualidades de 'macho', como virar as costas para as lágrimas, para o medo, que são 'coisas de mulher' e vai enfrentar o perigo, numa

atitude viril, de macho.

Pertencer ao grupo de funcionários que trabalham no 'fundão da cadeia', requer também o conhecimento de uma linguagem própria, com significação exclusiva daquele contexto e para os indivíduos que o formam. Todos os entrevistados relataram que tiveram dificuldades de comunicação com os sentenciados quando começaram a desenvolver suas atividades nos pavilhões.

Para Almeida, a linguagem usada dentro das penitenciárias é 'importada' das periferias das grandes cidades de onde viria a maior parte da população carcerária, sendo que por não fazer parte deste ambiente social, ele teria tido dificuldades no início, cita ainda que enquanto não aprende a linguagem, os sentenciados ficam 'tirando' ('tirando', significa algo parecido como 'fazer de bobo') o agente, o que dificultaria o trabalho.

Os entrevistados dizem policiar-se para não usar gírias fora da penitenciária, já que acreditam que a sociedade no geral desaprova o uso de gírias, ou seja, com a distribuição social do conhecimento, coube ao ASP adquirir alguns conhecimentos que são desvalorizados socialmente. César cita um fato presenciado por ele, onde o hábito de usar gírias interfere diretamente no relacionamento social extraprofissional do ASP: "o cara (agente) tava tentando 'cantar' a menina, mas, até ela conseguir entender o que ele queria dizer, ele já tava achando que ela tava 'tirando' ele..." . Durante as entrevistas, mesmo os entrevistados dizendo policiar-se quanto ao uso de gírias, acabam fazendo uso delas, alguns com mais, outros com menos frequência. O termo 'entendeu' por exemplo, foi usado por todos os entrevistados, e dentro das penitenciárias é usado como substituto de "entendi", sendo que entendi, é associado a homossexualidade.

A linguagem usada dentro da penitenciária é carregada de duplos sentidos, sendo que as partes geralmente procuram uma segunda intenção por trás de cada palavra. Essa postura, esse comportamento de desconfiança acaba se tornando um hábito que se estende às relações entre funcionários e ainda às relações extraprofissionais do agente. Almeida, por exemplo, relata que ao conversar com qualquer pessoa está sempre 'vendo uma segunda intenção', diz que fica 'cismado' e desconfia de todos, diz ainda que às vezes se sente mal por desconfiar de pessoas que não mereceriam desconfiança. Já Antonio acha que com o tempo de trabalho dentro da penitenciária tornou-se "...mais malandro nas 'idéia'".

Segundo Dejours (2005) o que é explorado pela organização do trabalho não é o sofrimento, em si mesmo, mas principalmente os mecanismos de defesa utilizados contra esse sofrimento. Então, quando os entrevistados afirmam que o trabalho os tornou ‘cismados’ e vendo segunda intenção em tudo, percebe-se que desenvolveram comportamentos persecutórios, características paranóides. Aliás, essas características são desejadas na dinâmica de funcionamento do sistema prisional.

As características paranóides não foram as únicas mudanças percebidas nos ASPs por eles e por seu círculo social extra-profissional. Os entrevistados, com exceção de André, disseram que se perceberam, ou ainda que receberam reclamações de familiares sobre sua ‘frieza’. Segundo Almeida, sua mãe reclamou que ele ficou diferente depois que começou a trabalhar no sistema prisional, sendo que o entrevistado disse que se sente mais ‘frio’, que não se emociona com facilidade. De acordo com a mãe de César, ele teria deixado de ser uma pessoa carinhosa, apaixonada, Ele discorda da mãe e acha que não mudou, entretanto, diz “...as pessoas falam do que estão vendo, a gente às vezes pode não perceber né!...”.

Para André, não houve reclamações acerca de mudanças comportamentais por parte de familiares, sendo que para ele quanto mais o agente vivencia o ambiente profissional, mais alterações comportamentais ele teria, ele diz: “... quem mais muda são os guardas que abraçam a cadeia...” (Abraçar, dentro da penitenciária tem significado semelhante a acreditar). Ao final da entrevista diz que se sente limitado dentro da penitenciária, explica a colocação dizendo que já frequentou 4 cursos superiores e acha que tem potencial para fazer coisa melhor do que trabalhar em penitenciária, onde não se aprende nada, pelo contrário, haveria um ‘emburrecimento’, segundo o entrevistado. Dentre todos os entrevistados, André é o único que relatou estar se mobilizando para pedir exoneração, aparentemente está transformando o sofrimento percebido no trabalho em motivação para concluir um curso técnico e poder sair do sistema prisional.

Sobre os entrevistados se sentirem ameaçados ou constrangidos na sua rotina fora do ambiente profissional, em função de ser ASP, Almeida e André dizem que não, mas também dizem que não podem frequentar qualquer lugar, Almeida diz: “apesar de boteco lembrar de alguma coisa no diminutivo, existem botecos e botecos”. Já César e Antonio admitem se sentirem ameaçados, César fala que o perigo faz parte da profissão, enquanto Antonio diz: “nem

nas ‘quebradas’ que eu frequentava posso ir sossegado, você sabe né! Tem muito malandro que não me conhece... vai que um dia eu ‘trombo um comédia a fim de fazer a cena’...”, (ele quer dizer que alguém querendo demonstrar ser perigoso poderia atentar contra sua pessoa) também diz que fica “ligeiro” no dia-a-dia. Ou seja, por ser ASP alguns ambientes, em determinados locais, frequentados por determinado estereótipo de pessoa, são proibidos, então, apesar de André e Almeida responderem que não, fica evidente que os entrevistados admitem que sua profissão limita seu direito de ir e vir devido possibilidades de se colocar em perigo em função da mesma.

A onda de ataques promovida pela facção criminosa PCC a partir de maio de 2006 acabou por agravar a situação do ASP, pois, além de o agente ter que se defender do sofrimento gerado pela possibilidade concreta de ser ‘guentado’, (pego como refém) durante o horário em que desenvolve suas atividades profissionais, agora precisa também lidar com a possibilidade real de, por causa de sua profissão, sofrer ele e sua família atentados contra a integridade física. Sobre possíveis alterações percebidas no cotidiano dos ASPs após a onda de ataques, Antonio diz que sim, que houve alterações em sua vida após os ataques, “p... meu, o partido matou um monte de irmão nosso, mataram até mulher de guarda”. Ele completa dizendo que a família ficou assustada, “qualquer coisa tá todo mundo ligando!”.

Os demais entrevistados também falam sobre alterações. César afirma que sua vida foi afetada, assim como a de todos, pois o medo foi geral. Ele afirma que “...durante a época dos ataques, eu ficava a maior parte do tempo dentro de casa, assustado com tudo, em alerta total...”. O entrevistado diz que sua rotina foi alterada somente naquela época, afinal “você ligava a TV e só PCC, você pegava estrada e só via barreiras policiais, todo mundo falando, não tinha como esquecer né!”. Percebe-se claramente na fala de Almeida a necessidade de esquecer o medo, esquecer a possibilidade real de perigo.

Conclusão

Para que se possa desempenhar atividades profissionais é necessário ao indivíduo adquirir um conhecimento específico relacionado a sua área de atuação, pois, cada profissão possui seus próprios hábitos, costumes e linguagem, ou seja, há uma distribuição social do conhecimento. No caso do Agente de Segurança Penitenciária, os conhecimentos

adquiridos, tal como a linguagem, é pertencente a um contexto onde seus integrantes, são compostos por homens excluídos da sociedade. E essa linguagem expressa características próprias desse contexto, com significação peculiar àquele ambiente, então, quando por hábito, ou economia de esforço, essa linguagem é expressa fora do contexto profissional, ela carrega consigo toda uma representação negativa, pois segundo os agentes, as gírias do sistema prisional são desaprovadas socialmente.

Todos os entrevistados disseram ter tido dificuldades no início com a linguagem, entretanto, a dificuldade não está relacionada apenas com conhecer as palavras utilizadas naquele meio, mas principalmente em adquirir a significação de valores e costumes que a linguagem encerra.

Percebe-se então que a vivência profissional afeta negativamente a vida cotidiana, fora do horário de trabalho, pois com a análise das entrevistas aparecem evidências de que os valores e costumes adquiridos no trabalho acabam por prejudicar o convívio com a família e demais pessoas de seu círculo social, bem como traz uma restrição de espaços a serem frequentados pelo agente, como por exemplo, restrição a bares e bairros.

O consumo de drogas lícitas e ilícitas aparece como alternativa para uma situação de fuga da pressão gerada pelo ambiente prisional. Outros comportamentos desenvolvidos pelos entrevistados que podem ser associados ao trabalho são a frieza emocional e o desenvolvimento de características paranóides.

O reconhecimento, segundo Dejours (2006) é uma forma de dar sentido a todo o esforço, a angústia, ou seja, ao sofrimento, então como os agentes dizem que seu trabalho tem uma imagem negativa perante a sociedade e também se sentem 'abandonados' pelo Estado, essas duas possíveis fontes de reconhecimento lhe são negadas. Quanto à sociedade, os agentes atribuem sua opinião negativa à mídia, que enfatizaria notícias associando a classe a aspectos negativos, como a corrupção. Já o estado, tem uma função dupla no sofrimento, pois, primeiro, não valoriza/reconhece a classe, segundo, a sensação de inércia quanto a atitudes do governo traz uma piora no sofrimento, pois não se tem perspectiva de mudança.

O perigo inerente à profissão que tende a ser ocultado pelas defesas coletivas acabou por vir à tona com as rebeliões em massa e a onda de ataques a agentes e familiares promovida

pela facção criminosa PCC, ocorrida em maio de 2006, fora das penitenciárias. Portanto, com a emergência do medo as defesas requerem mais rigidez. A defesa predominante entre os agentes é a virilidade que é associada ao poder, à força, agressividade, violência e dominação sobre outrem, aliás, dominação é uma característica desejada pelo Estado nas suas relações com o homem preso. Porém, esta defesa tem diminuída sua eficiência devido ao advento das facções criminosas, afinal, estas alteraram a relação verticalizada de controle hierárquico preconizada pelo Estado para com o homem preso.

Referências Bibliográficas

BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 2005.

DEJOURS, C. **A banalização da injustiça social**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

DEJOURS, C. **A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho**. São Paulo: Cortez-Oboré, 2005.

DEJOURS, C. **Psicodinâmica do trabalho: contribuições da escola dejouriana à análise de relações prazer, sofrimento e trabalho**. São Paulo: Editora Atlas, 1994.

FOCAULT, M. **Vigiar e punir: história da violência nas prisões**. Petrópolis: Vozes, 1987

FOCAULT, M. **A microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2005.

GOFFMAN, E. **Manicômios, Prisões e Conventos**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2005.

MENDONÇA, M.; NUNES, W. Até quando?. **Revista Época**, São Paulo, p.24-55, jun. 2006.

REGO, T. C. **Uma perspectiva histórico-cultural da educação**. Petrópolis: Vozes, 2002.

ROUSSEAU, J. J. **O contrato social**. São Paulo: Editora Escala, 2005.

VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2003.

VOLTAIRE. **Tratado sobre a tolerância**. São Paulo: Editora Escala, 2005.